

Os homens não tardam em vir de longe em peregrinação a Genebra, afim de admirar as instituições tabús que Calvino implantara na sua "secunda Roma". O duque de Somerset, regente da Inglaterra, a êle se dirige e pede-lhe conselho para a reforma do reino britânico. Nos Países-Baixos a fé na doutrina de Calvino torna-se o elemento unificador da revolução. Na Polônia, Calvino é tido "como Deus". E o que êle diz, "é aceito cegamente e incondicionalmente como verdade". Convidam-no repetidas vezes a visitar aquele reino longínquo. Como isso lhe é impossível, mantém uma correspondência ativa com diversos nobres poloneses. O príncipe Radziwill fica tão impressionado por suas idéias, que experimenta introduzir a constituição de Genebra nas suas terras.

Na Escócia, imitam o exemplo de Genebra, até nas suas últimas conseqüências. Ainda ultrapassam sua severidade. Lá, a doutrina calvinista transforma-se em programa duma revolução; os mandamentos duma disciplina férrea passam a ser o grito indignado de combate contra a "corrupção papista" de Edimburgo.

Mas é somente no solo inglês que êsse frio pesadelo adquirirá tôda a sua significação e a sua forma histórica, transbordando definitivamente da esfera religiosa para a realidade política. O que em Genebra era ainda talhado sobre o padrão simples duma comunidade municipal medievá, com suas instituições e facções provinciais facilmente controladas, alcança na Inglaterra do século XVII, a amplidão dum acontecimento político universal. De fato, aquí, o medo primitivo novamente irrompido se vê obrigado a ocupar-se de todos os problemas peculiares a uma grande potência moderna cujos mil interesses se entrecruzam.

E' êsse medo procurando concretizar-se que descobrimos atrás do cenário dêsse grande drama político. Para que a "alegre velha Inglaterra" seja obrigada a voltar à dura disciplina de seus preceitos bíblicos tabús, os fanáticos calvinistas-puritanos têm de congregiar tôdas as forças dispersas do descontentamento político. Têm de aproveitar o conflito nascente entre o Parlamento e a Realeza, assim como a separação cada vez mais acentuada entre as classes e a conseqüente oposição de interesses entre a alta e a pequena nobreza, entre os burgueses e os camponeses.

Das fundas camadas do povo, enfim, surgem os bandos destruidores dos "santos cavaleiros" do Mêdo, que, entoando salmos, a Bíblia na mochila, combatem contra os exércitos dos "cavaleiros realistas". Uma vez alcançada a vitória, o Mêdo encontra seu instrumento, criando um "Parlamento dos Santos", que manda para o cadafalso o rei alegre e contente da vida e organiza a constituição-tabú duma "República dos Puros", consoante a rude palavra dos profetas do Velho Testamento.

* * *

Na Suíça, na Inglaterra, na Escócia e na América, são teólogos e homens políticos que criam aquela república do Mêdo. E, sem dúvida, suas figuras são das mais interessantes da História.

Os antigos "Mestres do Mêdo" da Idade-Média e da Renascença deviam sua grandiosa eloquência ao terror de suas almas e tiravam das comoções do seu íntimo, a força sugestiva de suas palavras, revolvendo e subjugando os corações com seu verbo candente e suas visões do Inferno. Pelo contrário, os homens que, na Reforma, alcançaram influência e poder, graças à onda de mêdo da sua época, são seres rudes e secos. Seu escopo não é a transformação espontânea das multidões na "metanoia" da penitência e sim a disciplina fria e permanente, enrijada dentro de regras.

A grandeza que lhes é própria não provém da ênfase arrebatadora da comoção; resulta unicamente da rigidez inexorável com que mantém o mêdo vivo em si mesmos e no próximo, da magnitude das exigências impostas a cada um sob o império dêsse mêdo, da firmeza inabalável com que sustentam e impõem suas opiniões a despeito de qualquer oposição.

No princípio desta galeria de condutores de multidões encontra-se João Calvino, o criador e o dominador do "Estado Divino" de Genebra. Tôda a sua vida, foi êle um sábio sedentário, doente, fraco de saúde, com a vida sempre em perigo, martirizado pelas forças nefastas da vida, sofrendo de gota, de cálculos vesicais, de tosse com expectorações sanguíneas, de tôdas as enfermidades, enfim, de um organismo caduco.

Escreve no ano 1564 aos médicos de Montpellier: "Estava apenas curado duma febre intermitente e já uma dôr forte e aguda me tomava as pernas; calmava-se um pouco, voltando porém duas ou três vezes. Finalmente se transformou num reumatismo, que ia dos pés até os joelhos. Longo tempo fui molestado por uma espécie de abcesso nos vasos hemorroidais. Depois, vermes no reto incomodaram-me até há pouco com o prurido que provocavam. Felizmente vejo-me livre dêles. Pela mesma ocasião, durante o último verão, fui atacado por uma doença dos rins que me incomodou muito e que os remédios só conseguiam aliviar de maneira insignificante..."

Mas Calvino não tem somente a lutar contra defeitos físicos, senão também contra defeitos psíquicos: Uma timidez invencível faz com que, para êle, aparecer em público, constitua um verdadeiro tormento. Eis por que sempre procura evitar ansiosamente tudo o que possa chamar a atenção para a sua pessoa. Passa a maior parte do tempo retirado na sua sala de estudo, entrincheirado atrás de livros e manuscritos, severamente isolado do mundo.

Seu coração é sêco como seu corpo. A embriaguez dos instintos animais não penetra nêle. Como se se tratasse dum negócio que não lhe diz respeito, confia a seus discipulos o cuidado de achar-lhe a mu-